

# LINGUÍSTICA APLICADA OU LINGUÍSTICA APLICÁVEL?

*Fernanda Irene Fonseca*

Faculdade de Letras da Universidade do Porto  
Centro de Linguística da Universidade do Porto

*«L'usage de la pensée formelle, conduit avec  
rigueur, exige, appelle et rend possible la naissance  
d'une connaissance appliquée».*

(G.G. Granger)

*«Linguistics [...] is there behind the lines, under-  
lying our classroom practices, and our ideas about  
learning and reality».*

(M.A.K. Halliday)

*«No hay nada tan práctico como una buena teoría».*

(Lluís Payrató)

Ao formular o título desta comunicação de abertura como uma pergunta, *move-me*, de modo imediato e circunstancial, a intenção de sugerir, no início deste Colóquio, a expectativa das possíveis respostas que serão trazidas pelas várias intervenções que se vão seguir, no âmbito do tratamento e discussão do tema deste Colóquio: «A Linguística na formação do Professor de Português».

Mas *move-me* sobretudo, num sentido mais amplo e permanente, o desejo de suscitar uma reflexão de tipo epistemológico sobre o estatuto a atribuir à Linguística Aplicada, uma disciplina (hoje cinquentenária) que foi «fadada» ao nascer para intervir de modo decisivo e eficaz na metodologia do ensino de línguas. Uma reflexão que convoca necessariamente a questão das relações entre ciência e aplicação no âmbito das Ciências Sociais e Humanas e, em última análise, a questão da sua cientificidade. É que enfrentar as «perplexi-

dades metodológicas das Ciências Sociais» (SILVA, A. S. e PINTO, J. M., 1986: 7) é enfrentar, ipso facto, as perplexidades epistemológicas inerentes à dificuldade de instituir as acções humanas como objecto de estudo científico. E a dificuldade, talvez ainda maior, de as encarar como susceptíveis de serem objecto de «aplicação» da ciência, isto é, de uma intervenção no sentido de as prever, condicionar, transformar ou otimizar.

Considerando que se enquadra nesta problemática a tentativa de equacionar a relação entre a Linguística e o ensino da língua e, mais concretamente, o papel da Linguística na formação do professor de Português, analisarei alguns traços específicos do objecto de estudo das Ciências Sociais /Humanas determinantes da especificidade do modo de conceber a sua aplicação, ou melhor, a sua aplicabilidade.

Propor uma substituição da noção de aplicação pela de *aplicabilidade* não é um mero jogo de palavras. É mais uma tentativa, num percurso de muitos anos marcado por um esforço no sentido de denunciar e contornar a inadequação do termo «aplicação» para exprimir a relação dinâmica e dialéctica que se estabelece entre a teoria linguística e a prática do ensino da língua<sup>1</sup>.

Esta problematização e reinterpretação da noção de aplicação não pretende sugerir, é evidente, uma alteração do nome *Linguística Aplicada*, já consagrado como designação de uma área disciplinar. Esse nome é um dado histórico e deve ser aceite como tal. De um ponto de vista histórico, com efeito, a Linguística Aplicada tem uma certidão de identidade bem conhecida: nasceu nos Estados Unidos, nos anos 40, fruto do «casamento» do distribucionalismo linguístico com a psicologia behaviourista e foi apadrinhada no seu «baptismo» pelo modelo dominante de ciência, recebendo um nome prestigiado nesse momento em que a vertente tecnológica estava em ascensão e o avanço

---

<sup>1</sup> Um percurso de pelo menos vinte e cinco anos: iniciei a leccionação da disciplina de Linguística Aplicada ao Ensino do Português em 1975, elaborando um Programa que tinha como objectivo levar os estudantes a tomar consciência das relações dinâmicas entre a sua formação teórica no âmbito da Linguística e a sua futura prática como professores de Português. Iniciei também, pela mesma época, uma acção de intervenção junto dos professores a que presidiu sempre a convicção de que «A nossa função, como linguistas, não é a de reflectir e depois propor unilateralmente soluções para serem aplicadas, é antes a de motivar os professores a que reflectam connosco, já que só a teorização da prática /.../ à luz dos avanços da investigação linguística pode ser garantia de uma actuação didáctica fecunda e continuamente revivificada» (FONSECA, F. I. e FONSECA, J., 1977: 9). Numa fase posterior adoptei a noção de «implicação» como alternativa a «aplicação» (cf. FONSECA, F. I., 1986: 10) para sublinhar que o papel da Linguística na formação dos professores de língua «/.../ não visa apenas a aquisição um saber técnico a aplicar na resolução de problemas pontuais, mas essencialmente a consciencialização teórica que deve estar fundamente implicada na actuação didáctica /.../» (FONSECA, F. I., 1994: 10).

da ciência era avaliado sobretudo em função dos resultados da sua aplicação técnica.

A frequência com que começou a surgir a especificação «aplicada» na designação de novas disciplinas científicas é sintomática dessa evolução. O facto de isso se ter verificado também no quadro das Ciências Humanas documenta um dos aspectos de procura, por parte destas, de uma aceitação e legitimação científica. Uma procura que a Linguística «pilotou», como é sobejamente sabido, conseguindo compartilhar o prestígio do modelo racional-tecnológico. Não por ter obtido resultados espectaculares no âmbito tecnológico, convenhamos (as «técnicas» de ensino, os «laboratórios» de línguas, a tradução «automática» etc. ficaram aquém do que prometiam as suas designações...), mas por ter tido uma acção decisiva como factor de modernização metodológica das Ciências Humanas<sup>2</sup>. Esse esforço, bem conseguido, de adequação às exigências do paradigma dominante de ciência teve como reverso negativo alguma descaracterização da Linguística como ciência humana. Poderá dizer-se que, no conflito entre a especificidade do objecto de estudo das Ciências Humanas e as características de um modelo dominante de ciência, a Linguística, que começou por liderar as Ciências Humanas de modo inteligente, oportuno e decisivo, acabou por isolar-se, ultrapassando por vezes o limite que G.-G. Ganger considera inultrapassável na manipulação necessária ao tratamento científico dos factos humanos: «Les faits en question sont d'abord donnés à l'observateur avec leur charge de significations, avec leurs renvois à des situations complexes, dans une large mesure rattachées à des circonstances individuelles et affectés de jugements de valeur. La première tâche d'une science est alors d'en dépouiller si possible les faits visés, *tout en leur conservant cependant leur originalité de faits humains*» (GRANGER, G.-G., 1993: 89). Cumprir reconhecer que a Linguística nem sempre teve presente este cuidado elementar em relação ao seu objecto de estudo. No afã cirúrgico de libertar a linguagem de tudo o que constituía obstáculo a uma abordagem científica acabou por lhe infligir graves amputações que desfiguraram a sua anatomia humana.

Mas esse estado de coisas pertence hoje ao passado: a Linguística fez um longo percurso em que foi sendo superado o reducionismo teórico do seu objecto de estudo e o rígido acantonamento nas fronteiras da frase, tornando-se capaz de encarar numa perspectiva global a complexidade do fenómeno

---

<sup>2</sup> Th. Pavel alarga ao panorama intelectual geral essa influência da Linguística quando afirma que «./.../ les concepts de la linguistique se sont transformés, au courant des années soixante, en un instrument redoutable de modernisation intellectuelle» (PAVEL, T., 1988: 7).

linguístico (inerente à sua natureza de fenómeno humano) e de reintegrar, sem risco de perda da identidade, a descrição de realizações muito variadas da linguagem e a análise das suas dimensões textuais e discursivas. Podendo ser hoje avaliada como uma ciência em profunda transformação – «Née de la prise de conscience des invariants, la Linguistique est, pour une large part, en train de devenir une science de la variation sur fond d'invariant. Une science qui n'étudie plus le même comme un en-soi, mais le subsume sous les mille visages de l'autre» (HAGÈGE, C., 1985: 95) –, a Linguística tem tentado, e conseguido, encontrar formas de manter o rigor dos seus métodos sem que isso obrigue a empobrecer a natureza da linguagem como objecto de estudo plenamente assumido em todas as suas dimensões<sup>3</sup>.

Neste novo contexto teórico, a Linguística Aplicada perde a sua «imagem de marca» tecnológica e esbatem-se as suas fronteiras em relação à Linguística teórico-descritiva que, ao alargar o seu objecto de estudo quer ao uso da língua em contextos reais de interacção quer às dimensões cognitivas da linguagem, alarga também o âmbito dos campos práticos em que a teorização linguística pode ter interferência. A esfera de investigação-acção da Linguística Aplicada estende-se de modo virtualmente ilimitado como se depreende da seguinte definição de Verschuren: «/.../ the subject-matter of Applied Linguistics is language and communication in real-life situations, and the goal is to analyse, understand and solve problems related to practical action in real-life contexts» (VERSCHUREN, J., org., 1995: 46).

Constata-se, nesta definição, que o objecto da Linguística Aplicada é apresentado como muito próximo do de outras disciplinas como a Pragmática Linguística, a Sociolinguística ou a Psicolinguística, em relação às quais a sua especificidade se dilui<sup>4</sup>. De qualquer modo, permanece na definição um núcleo duro diferenciador da Linguística Aplicada: o objectivo de «resolver problemas». Note-se, no entanto, que esse objectivo é enunciado em conjugação inseparável com os de «analisar» e «compreender», que aliás o antecedem. Há

<sup>3</sup> Citando ainda Hagège : «Il semble de plus en plus clair, dans ce dernier quart du XX siècle, que s'intéresser au langage c'est s'intéresser à l'homme défini par l'usage qu'il en fait» (HAGÈGE, C., 1985: 238). Mais recentemente, T. Slama-Casacu, um nome de referência da Linguística e da Psicolinguística Aplicadas, insiste na necessidade de preservar a dimensão humana no estudo da linguagem: «I think therefore that scientists should not be ashamed to support and even to try and save what still remains of humanism in this strange end of a millenium» (SLAMA-CASACU, T., 1999: 15).

<sup>4</sup> Como consequência do carácter globalizante e pluridisciplinar das actuais perspectivas de estudo da língua, cada sub-disciplina da Linguística, numa espécie de movimento alternadamente centrífugo e centrípeto, tende a ocupar-se dessa globalidade a partir do seu próprio ponto de vista, produzindo-se, neste processo, um efeito que perverte a tendência para a especialização que esteve na base da criação dessas sub-disciplinas.

o (re)assumir pacífico de características das Ciências Humanas que eram consideradas um «obstáculo» pelo paradigma científico dominante mas em que Boaventura S. Santos vê potencialidades de expansão num paradigma científico emergente: «O que há nelas de futuro é o terem resistido à separação sujeito/objecto e o terem preferido a compreensão do mundo à manipulação do mundo» (B. S. SANTOS, 1986: 44).

Estes dois traços específicos – inseparabilidade sujeito/objecto; compreensão do mundo anteposta à manipulação do mundo – condicionam decisivamente o entendimento do processo de «aplicação» no âmbito das Ciências Humanas. E dão-me ocasião de reafirmar, com uma fundamentação mais explícita, que o conceito de aplicação, oriundo do paradigma tecnológico, ganha em ser substituído pelo de *aplicabilidade*, mais adequado à especificidade de uma área de investigação em que é difícil estabelecer a distinção, mais clara noutras áreas científicas, entre sujeito e objecto, entre a compreensão do mundo e a sua manipulação, entre teoria e prática, entre ciência e tecnologia.

Falar de *aplicabilidade* permite pôr em relevo um dos aspectos marcantes dessa especificidade: a necessária actuação individual de um sujeito «aplicador» dotado de conhecimentos e capacidades que lhe permitem inserir-se num processo em aberto cuja efectivação realiza mediante escolhas conscientes. A capacidade de «aplicar», no âmbito das Ciências Sociais/Humanas, pressupõe uma consciencialização individual assente num conjunto de conhecimentos não apenas de natureza processual mas hermenêutica, teórica, de saberes textualizados e contextualizados. Não se coaduna, pois, com a ignorância ou indiferença em relação à investigação teórica<sup>5</sup>.

Por outro lado, o conceito de aplicabilidade parece mais adequado para significar algo que se apresenta como uma dimensão dinâmica que percorre a Linguística e se espraia pelas suas fronteiras e intersecções com outras disciplinas: «Hoy en día, la lingüística aplicada no puede entenderse ya como una simple rama o especialidad interna /.../ sino que debe conceptualizarse como una dimensión, presente en todas las ramas de las llamadas ciencias del lenguaje» (L. PAYRATÓ, 1998: 27).

Sublinho «uma *dimensão*» da investigação linguística e acrescento: uma *atitude* do investigador. A aplicabilidade pode ser também identificada com uma *atitude* que se estabelece como denominador comum a muitas e diversas

---

<sup>5</sup> A. Culioli defende que a aplicação da Linguística deve ser entendida como «/.../ le produit de ce travail fondamental, qui va de l'empirique au formel, sans complaisance pour le bricolage technique et l'indifférence théorique» (CULIOLI, A., 1990: 46).

práticas. O cerne de uma definição de Linguística Aplicada não será, pois, a identificação de um objecto de estudo, de um conjunto de conteúdos e de metodologias de investigação, que não se distinguem dos da Linguística e das Ciências da Linguagem em geral. Será antes a definição de um conjunto de atitudes, de modos de interpretar accionalmente conhecimentos sobre a linguagem e o seu funcionamento. Essa dimensão ou atitude aplicada decorre naturalmente da investigação teórica, de que não é separável.

Nesta perspectiva, «Linguística Aplicada» deixa de ser o «nome» de uma disciplina autónoma e bem delimitada, para ser a designação de uma ampla zona de charneira em que conhecimentos provenientes dos vários domínios de investigação no âmbito das Ciências da Linguagem estão disponíveis para a *construção individual* de projecções em domínios práticos em que a linguagem e o seu uso estão implicados<sup>6</sup>.

É importante sublinhar que se trata de uma construção individual. Porque o anonimato da penetração da ciência na vida quotidiana<sup>7</sup> sob a forma de artefactos tecnológicos usados de forma massificada não tem correspondente no âmbito das Ciências Humanas/Sociais. Se os problemas a solucionar são da esfera da acção humana, da vida social (como são sempre os que estão ligados à linguagem) a sua resolução não pode ser nem pré-estabelecida nem uniforme: envolve sempre uma dimensão hermenêutica (interpretação, compreensão, contextualização) que condiciona tomadas de decisão do foro individual.

Em suma, o «aplicador» não é um consumidor anónimo. Porque os «objectos de consumo» produzidos na área das Ciências Humanas não são programáveis nem reproduzíveis em série e é justamente o facto de o não serem que lhes garante o valor que será critério da sua aceitação. A intervenção da ciência, neste caso, não se situa antes da produção, como na tecnologia, mas depois. O estudo científico dos produtos da acção humana tem como objectivo (como qualquer outro estudo científico) a sua descrição, explicação, análise, sistematização, interpretação, mas a ciência não pode nem prevê-los nem intervir de modo sistemático na sua produção: «O objecto das ciências sociais são seres humanos, agentes socialmente competentes que interpretam o

---

<sup>6</sup> O ensino de línguas foi o primeiro e continua a ter grande preponderância. Mas é um entre muitos outros: patologia da fala, crítica textual, terminologias, tradução automática, informática, telecomunicações, planificação linguística, tradução assistida, lexicografia, revisão linguística, edição de textos, etc... A consulta das *Actas* dos últimos Congressos Internacionais de Linguística Aplicada é elucidativa quanto à diversificação das áreas de intervenção: as comunicações encontram-se distribuídas por algumas dezenas de Secções correspondentes a outras tantas diferentes áreas.

<sup>7</sup> É G.-G. Granger quem fala expressivamente, da «*.../ pénétration anonyme de la science dans notre vie quotidienne*» (GRANGER, G., 1993: 15).

mundo que os rodeia para melhor agirem nele e sobre ele. Os agentes aplicam reflexivamente o conhecimento dos contextos de acção à produção de acções ou interacções e, nessa medida, a 'previsibilidade' da vida social não acontece, é 'feita acontecer' em resultado das aptidões conscientemente aplicadas dos agentes sociais» (B. S. SANTOS, 1989: 63).

Reivindicar a especificidade das Ciências Humanas/Sociais no âmbito da aplicação ou aplicabilidade é, antes de mais, assumir e valorizar essa componente individual das acções humanas que se manifesta e especifica como aptidão *consciente*, produto do conhecimento reflexivo. Como *intencionalidade*, capacidade de escolha motivada, capacidade de actuação fundamentada: um *poder* que se apoia num *saber*, de que não é separável.

*Consciencialização e intencionalidade*, não é demais insistir. Para prevenir o risco de confusão com posições simplistas e acríticas que tendem a deturpar as dimensões ligadas à participação individual, identificando-as com a improvisação, a falta de rigor, a originalidade arbitrária e superficial, a anarquia, o espontaneísmo, a improdutividade auto-complacente. Com a consequente desvalorização e desprestígio das Ciências Sociais/Humanas e do seu estatuto científico e universitário. Mas é igualmente simplista pensar que o único meio de valorizar esse estatuto é renegar a especificidade da actuação humana por constituir um «obstáculo» à racionalidade científica, à quantificação, à produtividade tecnológica. Saber adequar as estratégias científicas à especificidade de cada objecto de estudo é um requisito fundamental da investigação científica, no âmbito do que G.-G. Granger designa como «*stylistique de la pratique scientifique*» (GRANGER, G.-G., 1988: 13), conferindo à noção de *estilo* grande relevância no quadro da epistemologia. Trata-se, evidentemente, de uma acepção de *estilo* em que essa noção é expurgada de conotações de subjectivismo ou originalidade conservando apenas o seu sentido não valorativo de 'adequação'<sup>8</sup>.

É à luz desse conceito de estilo que ganha sentido a reivindicação de F. Gil quando afirma que «uma investigação é um facto de estilo» (GIL, F., 1984: 245). A ciência não é um domínio monolítico em que há um único critério para avaliar o rigor dos métodos, a validade das hipóteses teóricas ou a eficácia dos resultados da aplicação. Cada ciência, tal como tem que construir o seu próprio objecto, tem também de construir os seus próprios métodos, estratégias e critérios. E de o fazer em simultâneo, num processo de adequação permanente em que se vão definindo o seu estilo, a sua validade, o seu rigor. E

<sup>8</sup> Para um maior desenvolvimento deste tema ver o capítulo «Questões de estilo» em FONSECA, F. I., 1992: 47-54.

em que se vão também projectando e fundamentando os parâmetros e as dimensões da sua *aplicabilidade*.

São evidentes as consequências do que fica exposto no modo de encarar a questão proposta como tema deste Colóquio: o papel da Linguística na formação do professor de Português. Uma questão a encarar na óptica da formação inicial, no sentido de sublinhar a importância da formação disciplinar específica como componente fundamental do perfil de um professor.

Formação profissional. Num sentido muito amplo, trata-se de conferir *poder* de realização de acções socialmente pertinentes através da transmissão de *saberes* de vária ordem. Dá-se habitualmente relevância, quando se fala de formação profissional, à aquisição de saberes de natureza prática, isto é, ao treino de competências accionais que qualificam para o desempenho de tarefas concretas inerentes ao exercício de determinada profissão. Esse saber-fazer é sempre em alguma medida dependente da capacidade de compreensão e reflexão, mas há graus muito diferentes de dependência: ela é particularmente forte, como vimos, na área das Ciências Sociais/Humanas em que a capacidade hermenêutica de interpretação das acções – já em si mesma uma competência accional – faz parte integrante da aquisição de outras competências ligadas ao exercício profissional. Graus diferentes, também, segundo o nível de ensino: no ensino universitário não se concebe uma formação profissional de tipo prático desligada de uma formação teórica básica ou fundamental.

O principal papel dessa formação científica básica – ou formação, sem adjectivos – é justamente reforçar a capacidade de actuação consciente. No caso do professor de língua, é assegurar a aquisição de conhecimentos e de uma capacidade de reflexão sobre a língua que ficam disponíveis para a construção individual de relações fecundas entre a teoria e a prática.

Mas construção individual não significa, como vimos, espontânea ou anárquica. E sabemos a que ponto a «derrapagem» (já atrás referida) da valorização da componente individual tem parasitado o modo de entender a actuação do professor, nomeadamente a do professor de Português, e como anda escondida sob a capa de uma exaltação (tão eufórica quanto superficial) da vocação, da criatividade, da imaginação e de chavões acrílicos como o do «amor pela nossa língua, que é a mais bela do mundo»... O lugar certo para prevenir e combater essa «derrapagem» é a formação inicial. E só há um meio eficaz de o conseguir: promover o aprofundamento dos conhecimentos sobre a língua com o conseqüente reforço da consciencialização teórica e do espírito crítico, num processo que precisa de ser induzido durante a formação inicial do professor para poder expandir-se mais tarde como auto-formação.

De que modo podem os professores de Linguística assumir um papel tão



decisivo na formação de professores de língua, nomeadamente de língua materna? De um modo óbvio: ensinando Linguística. Elaborando e leccionando Programas que proporcionem aos estudantes a apropriação de conhecimentos (de tipo descritivo, de tipo narrativo, de tipo operativo) sobre a linguagem como fenómeno geral, sobre a língua como sistema de regularidades de funcionamento, sobre a língua como realidade histórica e social, sobre a actividade verbal como conjunto de práticas discursivas.

É bem sabido (ou deveria ser) que os objectivos formativos do ensino se atingem pela acção docente e não pela explicitação. Por outras palavras: não é indicado preparar programas explicitamente destinados a professores de língua, antecipando os bem intencionados compêndios com reconfortantes títulos do tipo: «Noções de Linguística para Professores». Linguística para professores? Linguística asséptica, castrada de problematização, de densidade teórica. Reconfortante, talvez: mas claramente incapaz de produzir os resultados formativos enunciados, que exigem a presença de uma componente teórica e problematizante.

Dada a multiplicidade de vertentes de estudo da linguagem e a diversidade de perspectivas teóricas não é pensável – nem desejável – uma uniformização dos conteúdos das disciplinas de Linguística nas várias Faculdades. Mas as diferenças entre os Programas, por grandes que sejam, não obstam a que o seu ensino vise objectivos formativos comuns: aprofundar o conhecimento da língua e a capacidade de explicitação desse conhecimento, alargando competências de tipo metalinguístico (metacomunicativo, metadiscursivo, metatextual); promover o treino de observação, análise e manipulação de unidades linguísticas, desde as unidades mais extensas (texto/discurso) às unidades mínimas; levar a dominar conceitos teóricos operatórios, matrizes terminológicas, instrumentos de análise, modelos descritivo/explicativos do funcionamento da língua; fomentar a consciência histórica da identidade e plasticidade da língua portuguesa. Contribuir, em suma, para a aquisição de uma consciência da língua e do seu funcionamento que abarque os problemas implicados na relação profunda e plurifacetada (de tipo cognitivo, accional, social e afectivo) que liga um falante à sua língua materna.

Como complemento necessário desta formação científica básica e como plataforma de transição para a prática pedagógica (no estágio), tem que figurar também como componente da formação inicial dos professores de língua uma reflexão sobre as dimensões de aplicabilidade dos conhecimentos adquiridos. Mas suscitar a consciência das dimensões de aplicabilidade é algo muito diferente de indicar «modos de aplicação» ou dar «instruções de uso»<sup>9</sup>. É tra-

<sup>9</sup> Como os nossos estudantes parecem desejar nas suas habituais e pouco fundamentadas reivindicações de um ensino universitário virado para a «prática». Faz falta, a meu ver, na formação dos estu-

balhar no sentido de fazer sentir aos estudantes que há uma articulação a construir entre um campo teórico – a investigação sobre a linguagem e as línguas – e um campo prático (e profissional) – o ensino da língua. Essa construção é feita individualmente, como activação de capacidades e contextualização de saberes. Mas pode (e deve) ser acompanhada, consciencializada, induzida, treinada, nomeadamente no que toca à necessidade de encontrar estratégias de mediação, de adequação do discurso científico ao contexto pedagógico. Dado que a capacidade de adequação passa pela tomada de consciência das incompatibilidades de perspectiva entre o discurso científico e o discurso pedagógico, é importante promover uma reflexão sobre o discurso pedagógico, chamando a atenção, por exemplo, para as possíveis colisões entre a perspectiva descritivo-explicativa da investigação e a perspectiva normativa do ensino; ou para o carácter necessariamente composto e transdisciplinar do discurso pedagógico.

Um trabalho que tem o seu quadro próprio na disciplina de *Metodologia do Ensino do Português* e no *Seminário* que acompanha a prática pedagógica, durante o estágio. Mas haverá grande vantagem em estar também presente como conteúdo de uma disciplina específica. Assim venho entendendo, desde há muitos anos, a inserção no *currículum* e a leccionação da cadeira de *Linguística Aplicada*, para que elaborei um Programa que visa a consciencialização das dimensões de aplicabilidade dos conhecimentos adquiridos nas várias disciplinas de Linguística (em correlação necessária com as de outras áreas disciplinares, nomeadamente de Literatura) e o aprofundamento de aspectos da teorização linguística mais directamente implicados na identificação *do objecto e dos objectivos* do ensino da língua materna. E em que procuro motivar os estudantes em formação inicial levando-os a encarar a reflexão teórica como prévia à acção e dirigida para a acção. Motivá-los, por um lado, pela percepção da importância e sentido da reflexão teórica para que, em vários domínios do estudo da linguagem, foram e são suscitados ao longo do curso; motivá-los, simultaneamente, pela criação de expectativas positivas quanto ao âmbito de acção que se configura como central na sua futura actividade profissional.

Estudantes motivados virão a ser, com muita probabilidade, professores motivados. A motivação costuma ser encarada, no perfil do professor, como uma componente que se situa na esfera da sua relação com os alunos e que releva quase exclusivamente da formação psico-pedagógica e humana. Fica esquecida, como factor de motivação, a relação do professor com o objecto de

---

dantes da área de Ciências Humanas alguma reflexão de tipo epistemológico que os leve a encarar de modo mais fundamentado e crítico as relações entre a teoria e a prática.

ensino/aprendizagem, o conhecimento aprofundado dos conteúdos a ensinar, a competência científica na sua área de especialidade. A voga do slogan «aprender a aprender» tem vindo a fazer perder de vista que «aprender» (e «ensinar») são processos transitivos e que o treino das capacidades cognitivas é inseparável da aquisição de conhecimentos. «Aprender a aprender» foi (é) uma fórmula feliz para sublinhar o que é essencial como resultado da formação escolar. Mas esvazia-se de sentido quando é erigida em preceito total e absoluto, em princípio, meio e fim. É urgente combater essa tendência para transformar «aprender» (e «ensinar») em verbos intransitivos, sem objecto. Ora um dos contributos mais marcantes da Linguística, no âmbito do ensino da língua, diz respeito justamente à caracterização e delimitação da língua como objecto de ensino-aprendizagem, que tem estado sempre em correlação, directa ou indirecta, com o esforço teórico da Linguística na caracterização da língua como objecto de estudo científico.

Motivação e competência. Será bem importante o papel da Linguística na formação de professores de língua se ajudar a formar professores de Português competentes e motivados, criando e desenvolvendo nos estudantes em formação inicial a capacidade e o gosto de estudar a língua – condição determinante da capacidade e do gosto de a ensinar.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CULIOLI, A. (1990) – *Pour une Linguistique de l'énonciation*. Paris: Ophrys.
- FONSECA, F. I. (1986) – «Competência narrativa e ensino da língua materna», *Palavras, Revista da Associação de Professores de Português*, n.º 9. Lisboa: 1986, pp. 6-10.
- FONSECA, F. I. (1992) – *Deixis, Tempo e Narração*. Porto: Fundação Eng. António de Almeida.
- FONSECA, F. I. (1994) – *Gramática e Pragmática. Estudos de Linguística Geral e de Linguística Aplicada ao Ensino do Português*. Porto: Porto Editora.
- FONSECA, F. I. (2000) – «Da Linguística ao Ensino do Português» in BASTOS, NEUSA (org.), *Língua Portuguesa: Teoria e Método*. São Paulo: IP-PUC, 2000, pp. 11-27.
- GIL, F. (1984) – *Mimesis e Negação*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- GRANGER, G.-G. (1967) – *Pensée Formelle et Sciences de l'Homme*. Paris: Aubier-Montaigne
- GRANGER, G.-G. (1993) – *La Science et les Sciences*. Paris: Presses Universitaires de France.
- GRANGER, G.-G. (1968) (1988) – *Essai d'une Philosophie du Style*. Paris: Armand Colin; 2ème ed., revue et corrigée. Paris: Éditions Odile Jacob.
- HAGÈGE, C. (1985) – *L'Homme de Paroles. Contribution linguistique aux sciences humaines*. Paris: Fayard.
- PAVEL, T. (1988) – *Univers de la Fiction*. Paris: Seuil.
- PAYRATÓ, L. (1998) – *De profesión, lingüista. Panorama de la lingüística aplicada*. Barcelona: Editorial Ariel.
- PINTO, M. G. et alii. (orgs.) (1999) – *Psycholinguistics on the threshold of the Year 2000*.

- Proceedings of the 5<sup>th</sup> International Congress of Applied Psycholinguistics*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- SANTOS, B. S. (1987) – *Um discurso sobre as ciências*. Porto: Edições Afrontamento (4<sup>a</sup> ed., 1990).
- SANTOS, B. S. (1989) – *Introdução a uma Ciência Pós-Moderna*. Porto: Edições Afrontamento (4<sup>a</sup> ed., 1993).
- SLAMA-CASACU, T. (1999) – «The power of words – Power and words» in PINTO, M. G. *et alii.* (orgs.) (1999).
- SILVA, A. S. e PINTO, J. M. (orgs.) (1987) – *Metodologia das Ciências Sociais*. Porto: Edições Afrontamento.